

O USO DO GLOSSÁRIO DE VERBOS E A CRIAÇÃO DE JOGOS COMO MEIO DE APRENDIZAGEM

Dayane Carneiro Rocha (UFT)

dayane.dayane17@hotmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Este trabalho, que faz parte do PIBIC do curso de letras da Universidade Federal do Tocantins, tem como escopo a criação de um glossário de verbos como recurso didático voltado para o ensino fundamental, sendo que terá também uma versão virtual, com a criação de um *software* com jogos e exercícios, com o intuito facilitar o aprendizado do verbo e de suas flexões. O estudo apresenta um enfoque panorâmico, com levantamento histórico e atual dos conceitos do verbo, utilizando como fonte gramáticas e livros didáticos de língua portuguesa. Apresenta, ainda, um diálogo constante com gramáticos e filólogos tais como Said Ali, Rocha Lima, Luft, Bechara, Celso Cunha e José Pereira da Silva.

Palavras chaves: Glossário. Verbo. Gramática normativa.

1. Introdução

O glossário que buscamos produzir pretende apresentar, aos alunos do ensino básico, o conjunto das formas verbais disponíveis na língua portuguesa, não apenas uma lista, mas uma rede de funções e de relações formais e significativas entre essas formas.

Nosso norte teórico baseia-se com gramáticos e filólogos tais como Rocha Lima, Luft, Bechara, Celso Cunha, Said Ali e José Pereira da Silva.

Nesse estudo, teremos como foco os livros didáticos, como traba-
llam e descrevem o verbo, observando como o livro didático e a escola, lidam com tal paradoxo no ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Trabalharemos com o *neologismo verbal*, compreender suas causas e atuação no vernáculo. Partindo desta perspectiva, é observado como o neologismo em si é “transformação da língua” mesmo com influência dos *estrangereiros* formando novos verbos, que segundo Lapa (1998, p. 45):

(...) o neologismo compreende palavras novas, mas formadas dentro dos processos usuais da língua. (...) Nenhuma delas, porém, é palavra novinha em folha; prova de que a língua não cria, mas propriamente transforma, com material que já dispõe.

E, ainda, para aprimorar o estudo, Ilari (1997) alega que a gramática tradicional não trata diretamente desta mudança linguística (Socio-linguística) devido a termos que se fincam apenas um modelo de função, ocasionando em uma insuficiência de contexto sem termos claros.

(...) mostrar a partir de exemplos concretos a insuficiências do tratamento sintático das gramáticas tradicionais: (...) 1- a gramática tradicional propõe descrições numa metalinguagem imprecisa (lembre-se a pluralidade dos sentidos que pode assumir a expressão “indispensável ao sentido da frase”); 2- nessa metalinguagem ela traça uma grade classificatória que dá uma imagem grosseira da estrutura do período – grosseira no sentido de que procura reduzir todos os aspectos observáveis uns poucos processos sintáticos, mas grosseira também porque os dados que se propõe analisar são sempre dados da forma das orações, excluindo-se informações sobre o contexto e os interlocutores (...); 3- tão logo se tenta explicar os critérios que a gramática tradicional oferece, verifica-se que suas descrições se aplicam a um segmento surpreendentemente pequeno dos *atos da língua*; e aqui duas atitudes são possíveis: a atitude dogmática que consiste em aplicar as classificações gramaticais a qualquer preço, e a atitude crítica de quem verifica a distância entre a realidade linguística e o modelo simplificado que a gramática tradicional proporciona. (ILARI, 1997, p. 42-43 – grifo nosso)

Outro fator observado é o desuso da ênclise, sendo uma das formas tradicionais da língua culta lusitana que nos dias atuais perde sua proficuidade. A ênclise emprega-se no início de frases ou períodos, quando o verbo estiver no imperativo afirmativo, no gerúndio e no infinitivo impessoal. Com grande uso pelos gramáticos, escritores de obras literárias.

2. *Conceito do verbo nas gramáticas normativas*

Partimos como estudo da terminologia gramatical da obra de Otelio Reis, *Breviário da conjugação de verbos*, que trata de um ensino normativo de organização dos exemplos, características e classificações, voltada para termos técnicos da conjugação de verbos. A forma como Reis

(1992) formula os conceitos limita o leitor a um “modelo” de informações, pois, trabalha com maior ênfase na morfologia do verbo, já a semântica e a fonologia é tratada em segundo plano. Vejamos o conceito:

Conjugar um verbo é expor sistematicamente todas as formas em que ele pode ser empregado. Essas formas ou modificações correspondem à voz, ao modo, ao tempo, ao número e pessoa. Algumas são expressas por meio de flexões, outras por meio de verbos auxiliares. As flexões do verbo, ou seus acidentes, são: o modo, o tempo, o número e a pessoa. (REIS, 1992, p. 3)

Reis (1992) trabalha com o verbo dando ênfase a suas modificações, ou seja, flexões, tempos, número e pessoa, não conceituando o real significado do conceito de verbo, ou seja, um estado, fenômeno da natureza, mudança de estado e a ação feita pelo substantivo. Porém a explicação das terminações verbais apresenta modelos antes adotados pela derivação de verbos no latim, algo que é levado como um ponto positivo: “Verbos terminados em guar. – Quando o *g* provém de *c* latino, não há hesitação: a sílaba *gu* tem o acento nas formas rizotônicas.” (REIS, 1992, p. 56). Sobre as várias interpretações de acordo com o significado da palavra:

Parece-me, pois, mais acertado proscrever-se a forma *crear*, para adotar-se tão somente *criar*. Estabeleceu-se, porém, modernamente, a distinção entre as duas formas, segundo o sentido. *Crearseria* o mesmo de *tirar do nada, dar existência a, fazer, instituir*, enquanto *criar* seria *educar, cultivar, promover o desenvolvimento de coisa ou ser*. – *Crear o mundo, crear uma repartição, crear um imposto*, mas, *criar um menino, criar galinhas* etc. (REIS, 1992, p. 62)

Na conjugação dos verbos de Reis (1992) foi observada a montagem incompleta das formações das tabelas de conjugação. Vendo por essa perspectiva, vejamos como é conceituado o verbo por vários gramáticos:

O gramático normativo Rocha Lima (2005) tem como conceito o seguinte:

O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidente gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem com que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz. (LIMA, 2005, p. 130)

O gramático Luft (2002) define verbo comparando a uma ideia temporal e de um processo, ou seja, um aspecto.

Palavra que exprime um processo inserido no tempo: uma ação (*correr*), um fenômeno (*ventar*), um estado (*ser, estar*) ou mudança de estado (*tornar-*

se, ficar). Diferencia-se, assim, do nome: ao passo que este exprime as realidades estaticamente, o verbo faz dinamicamente. O nome situa o ser no espaço; o verbo figura-o no tempo, sob forma de ação, movimento, estado. O que caracteriza o verbo em oposição ao nome é, portanto, a ideia temporal (os alemães o chamam de “Zeitworth” – “palavra de tempo”): o início, a duração ou o resultado de um processo (aspecto) ou o momento de sua ocorrência (tempo). Além disso, o verbo tem papel fundamental na frase: é o termo essencial do enunciado, o núcleo da frase sintaticamente construída, pois há orações sem sujeito, mas não sem verbo. Porque consideravam a palavra por excelência é que os gramáticos latinos lhe deram o nome que tem: verbo, “a palavra. (LUFT, 2002, p. 166)

O gramático Bechara (2009) define o conceito de verbo: “[...] Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar o seu significado lexical”. (BECHARA, 2009, p. 209)

Os gramáticos, Cunha & Cintra (2001) conceituam o verbo da seguinte forma:

1. Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo: Um dia, Aparício *desapareceu* para sempre. (A Meyer, *SI*, 25). [...] 2. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 379)

Perini (2005) tem por conceito de verbo:

(...) Verbo é a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo. (Chamamos lexema um conjunto de palavras que se distinguem através de flexão; assim, *corro, correr, corríamos* fazem parte de um lexema; *casa, casas* fazem parte de outro. Mas *casa* e *casebre* não fazem parte do mesmo lexema, porque se distinguem por derivação, e não por flexão.). Em outras palavras, a noção corrente de “verbo” é formal, e não semântica. O conjunto das palavras que exprimem uma ação, por exemplo, não se chama em geral de “verbos”: *correr, corria, corrida, vingança, vingar, traiu*, traição etc. Como se vê, todas essas palavras exprimem, de alguma forma, uma ação; mas nem todas são verbos. A classe dos verbos é uma das poucas que se pode definir e estabelecer no momento com clareza. A definição dada acima se baseia nos traços morfológicos da palavra (variação em pessoa, tempo e número). (PERINI, 1999, p. 320)

Observa-se que os conceitos apresentados possuem características: morfológicas, sintáticas e semânticas. Alguns gramáticos simplificam o conceito explicitando a função principal do verbo: *ação*. Já outros, buscam ampliar e descrever com traços históricos, comparação com termos de outros idiomas e a actualidade. Nessa perspectiva, em um es-

tudo sincrônico dos conceitos, analisa-se que o valor do verbo construído nos conceitos de gramáticos do século XXI visa a um contexto geral das características dos verbos, tanto de suas formas primitivas quanto suas formas mais usuais (consideramos aqui a flexão e derivação) que dificulta a compreensão do leitor:

Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência a língua em um dado momento do percurso histórico, “sincronizada” sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico (“língua funcional”), enquanto por *diacronia* se entende a referência a língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema (“gramática histórica”), e como história da língua. (BECHARA, 2009, p. 40)

3. Conceito do verbo nos livros didáticos

Tomemos como início a análise do livro didático: *Mundo Mágico: Curso Completo: Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Programas de Saúde*, do ano de 1995, da editora Ática, que tem o conceito de verbo da seguinte forma:

Os verbos apresentam três tempos: presente, passado ou pretérito e futuro. Os tempos indicam se a ação ou fato já aconteceu se está acontecendo ou se ainda vai acontecer. *Serafina escreveu no diário*. A ação escrever está no tempo passado ou pretérito. Ela já aconteceu; *Serafina escreve no diário*. A ação de escrever está no tempo presente, isto é, ainda está acontecendo; *Serafina escreverá no diário*. A ação de escrever está no tempo futuro, ou seja, ela ainda vai acontecer. Há três tipos de passado ou pretérito: pretérito perfeito, pretérito imperfeito, e pretérito mais-que-perfeito. O tempo futuro apresenta duas formas: futuro do presente e futuro do pretérito. (MORAES et al., 1995, p. 87 – grifo nosso)

Por se tratar de um livro didático voltado às séries iniciais observa-se que o conceito de verbo é apresentado de forma breve com dados exemplos da ação verbal, ou seja, a ação exercida pelo substantivo. De modo geral após este conceito, o livro apresenta as modificações verbais sendo elas: flexões, concordância (singular e plural) e os modos (indicativo subjuntivo e imperativo); por fim, e aprofundando mais a noção inicial de conjugação de verbos, um capítulo reservado apenas as três conjugações verbais em forma de tabelas contendo exemplos conjugados em todos os tempos.

No livro *Palavras e Ideias*, de José de Nicola e Ulisses Infante, produzido pela editora Ática no ano de 1997, voltado a 6ª série (7º ano, atualmente) apresenta o conceito de verbo da seguinte forma: “Verbo é a

palavra que exprime aquilo que se passa no tempo, indicando ação, estado, mudança de estado ou fenômeno da natureza”. (NICOLA & INFANTE, 1997, p. 147)

Podemos perceber que os conceitos de verbo nos livros didáticos possuem uma característica em comum: tem conceitos breves; trabalha diretamente com a oração (frases soltas) para explicar e justificar e não possui um aprofundamento da classe de palavras, fazendo com que o estudo se torne impreciso e não traga para o aluno um conceito rico das flexões e dos tempos verbais.

O livro *Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa: Reflexão & Ação*, de Marilda Prates, da 8ª série, do ano de 1998, não tem um conceito de verbo, pois trabalha com maior ênfase na construção de orações e enunciados, ou seja, o que é visto são fragmentos curtos que apontam a identificação do verbo em orações (sintaxe) e pequenos momentos sobre concordâncias verbais, suas formas nominais etc. O livro toma como foco a discursão dos textos dados em cada capítulo sobre um determinado tema e a partir deste texto são recolhidos fragmentos para serem estudados seu significado, morfologia e utilização na língua, logo em seguida questão referente à classe gramatical.

No livro didático *Português: de Olho no Mundo de Trabalho*, de volume único para o ensino médio, Ernani Terra e José de Nicola citam o conceito de verbo da seguinte forma:

Verbo é a palavra variável em pessoa, número, tempo e voz que exprime um processo, isto é, aquilo que se passa no tempo (ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, existência, desejo, conveniência). *Cantaremos a noite toda!* (ação); *O dia está agradável* (estado); *A vida tornou-se dançável*. (mudança de estado). (TERRA & NICOLA, 2004, p. 246)

Ao fim desta análise o que se tem como propriedade principal é a forma como os autores dos livros didáticos propõem a sua conceituação sobre a classe gramatical do verbo por apresentarem: o conceito, locução verbal, estrutura do verbo, flexões do verbo, formas nominais, classificação dos verbos, emprego dos modos e dos tempos verbais, emprego do infinitivo e questões para fixação do conteúdo abordado, ou seja, atividades para memorização dos conceitos. Os gramáticos apresentados nesta análise abrangem um todo conglomerado de informações sobre a classe: seu aspecto, usos, conjugações, locuções, acidentes etc.

As mudanças linguísticas só nos parecem evidentes quando comparamos forma de épocas distintas; no século XIII, escrevia-se - e seguramente também se falava - *migo* (port. Atual *comigo*), *fremosa* (port. Atual *formosa*) (...).

Verbos como *ter*, *ver* e *pôr*, que atualmente não possuem vogal temática no infinitivo, tinham-na explícita na Idade Média: *teer*, *veer*, *poer*. Mudanças significativas, capazes de transformar sensivelmente a fisionomia de uma língua, atingem a fala de toda uma comunidade, que, por isso, experimenta em cada etapa da história a sensação de que todos os seus membros partilham os mesmos hábitos linguísticos. Noutras palavras, os membros da comunidade linguística entendem-se e comunicam-se porque participam de um mesmo “estado de língua” estruturando numa dada *sincronia*. A história de uma língua – ou melhor, sua *diacronia* – pode, assim, ser explicada como uma sucessão de “estados da língua”, uma passagem ininterrupta de uma sincronia a outra. A mudança, embora imperceptível, é incessante, o que é, a captação de sua estrutura numa sincronia – é tão somente um ponto de vista em que nos colocamos para analisar ou descrever a língua. (AZEREDO, 2000, p. 29)

Por este intermédio, percebemos que a base para a criação de um glossário se prende a vários fatores tanto normativos quanto descritivos em relação ao uso da língua. A formação de produção de jogos com o intuito de ensinar verbos se finca a forma como é apresentada o conceito do verbo, que por ser a parte da gramática mais complexa e rica em formas precisas. Com base no que foi proposto, nosso alvo é alunos do ensino fundamental e médio e para este público temos uma preocupação em organizar de forma que os auxiliem.

4. Estudos dos neologismos verbais e sua plasticidade na língua portuguesa brasileira

O estudo do neologismo que buscamos focalizar é na língua e seus usos, mas que, ao longo dessa análise citaremos textos literários para ampliar e fundamentar essa plasticidade corrente dos falantes da língua portuguesa.

Todo neologismo verbal quando criado, principalmente derivado dos *strangeirismos*, o que ocorre com mais frequência, são os novos significados adquiridos pela derivação de nomes e em nosso caso de verbos. Temos consequentemente palavras como *printar* que deriva do verbo em inglês: *print* (impressão, ato de imprimir) que devido a sua grande utilidade pelos falantes da língua portuguesa sofre alterações em sua pronúncia (fonética) e em termos normativos ganha uma terminação em –ar (primeira conjugação) para adquirir efeito de ação.

Fatos que ocorrem com grande frequência com outros termos: *conectar*, *blogar*, entre outros que no decorrer tem a mesma mudança fonética e na maioria das vezes essa mudança afeta seu radical. Tomemos como exemplo, *conectar* originário do verbo inglês *connect*: “conectar;

ligar dois pontos em um circuito ou rede de comunicações [...] intervalo de tempo que um usuário está conectado em um sistema interativo.” (Dicionário Michaelis UOL – versão eletrônica).

Motivos que ocasionam tais adoções e usos se justificam no meio cultural em que os falantes vivem atualmente. Cultura esta se refere: a tecnologia, a mídia (revistas, textos jornalísticos, propagandas etc.) e dos termos resumidos e diretos que envolvem a língua seus sentidos e os usuários.

Língua como estrutura abstrata, uma espécie de denominador comum de todos os seus usos: o *sistema*; o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua: o *uso*; a soma dos usos históricos e socialmente consagrados numa comunidade e adotados como um padrão que se repete: a *norma*. (AZEREDO, 2000, p. 40)

Azeredo (2000, p. 103) não se refere diretamente ao termo neologismo, mas a amálgama lexical “composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas”, ou seja, é nessa finalidade de trazer ao interlocutor interesse pelo produto que a mídia utiliza, de modo geral, a unção de termos. Um exemplo: o termo da empresa Nestlé utiliza *Chocolovers*, unção de dois termos: chocolate + lovers tornando-se um adjetivo aos amantes de chocolate.

Os neologismos verbais constroem-se mediante o sufixo - ar (terminação) e os prefixos a-, des-, re-. O processo de composição permite formar neologismos compostos que são constituídos por dois substantivos, ou um substantivo e um adjetivo; por um verbo e um substantivo; por um substantivo, uma preposição e um substantivo. O truncamento engendra neologismos formais mediante a supressão de fonemas ou de sílabas no início, no meio e no final das palavras do português europeu. (MBANGALE, 2005, p. 180)

É observado que mesmo no português todo neologismo verbal é regular devido uso das terminações em -ar, -er e -ir. Na literatura torna-se exceção, pois devido a gama de significados dados pela interpretação tanto do leitor quanto do autor, é o leitor que produz o sentido. Um exemplo é o escritor moçambicano Mia Couto em sua obra: *Estórias Abensonhadas* que retrata bem em seus contos essa função criadora de sentido: devagaroso, desabandonado, ensonada, cacimbações, apoucava, poentaram, barafundido etc.

5. O desuso da ênclise

A gramática normativa brasileira tem passado por várias mudanças, inserção de novas palavras, criação e desuso de outras. De acordo

com o gramático (PERINI, 1999, p. 230) “a ênclise está desaparecendo do português brasileiro; essa tendência, dominante na modalidade falada, já deixou marcas muito profundas no próprio padrão escrito”.

Nosso enfoque será no desuso da ênclise que de acordo Azeredo (2000) na fala coloquial é menos utilizada que a próclise, esta por possuir pronomes átonos e de fácil uso e compreensão dos falantes:

Notemos inicialmente que a próclise do pronome é a posição mais favorecida pelo ritmo da frase no português do Brasil, onde a raridade das formas *o, a, os, as* – mas os pronomes átonos mais comuns são iniciados por uma consoante – *me, te, lhe, se* (reflexivo). A posição proclítica em que ordinariamente são colocados favorece o relevo fonético desses pronomes, tornando-os semitônicos. Nas frases coloquiais *Me larga, Te peguei, Se muda daqui*, fica nítida a pronúncia semitônica dos pronomes. Não é outra a razão do conhecido hábito brasileiro de “começar a frase com pronome átomo”, fato que em épocas não tão remotas causava horror aos gramáticos puristas.

A adoção da ênclise do pronome em certas situações de fala ou em certos textos (Refiro-*me*, Envio-*te*, Retire-*se*) é um traço do formalismo exigido pelos princípios do contrato de comunicação – fator sociocomunicativo, portanto –, não um imperativo gramatical. (AZEREDO, 2000, p. 199)

Essa simplicidade feita pelos falantes faz com que a forma culta – por assim dizer – da ênclise se torne obsoleta, pois, essas facilidades se justificam em passar a informação e não na estética e beleza do texto como faziam os antigos gramáticos e literaturas.

6. Conclusão

Este trabalho busca uma forma qualitativa do conhecimento sobre verbos auxiliando professores e alunos. Nossas preocupações são didático-pedagógicas, já que os glossários, dicionários e vocabulários que são encontrados no mercado editorial brasileiro são todos voltados para o ensino médio e/ou para o ensino superior. E nosso desejo é publicar, ao final desta pesquisa, um glossário didático para alunos do ensino fundamental, com jogos e exercícios que facilitem, verdadeiramente, o aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FE-NAME/MEC, [s./d.].

_____; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LAPA, Manoel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. [44. ed., 2005].

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1971.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MBANGALE, M. As unidades neológicas do português em África. *Babilónia – Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, América do Norte*, dez. 2010. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/1805/1454>>.

Acesso em: 09-07-2014.

MORAES, Lídia Maria et al. *Mundo mágico: curso completo: língua portuguesa, matemática, estudos sociais, ciências e programas de saúde*. São Paulo: Ática, 1995.

NASCENTES, Antenor. *O problema da regência*. Rio de Janeiro: Nacional, 1955.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Português: palavras e ideias*, 6ª série. São Paulo: Scipione, 1997.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva de português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PRATES, Marilda. *Encontro e reencontro em língua portuguesa: reflexão & ação*. 8ª série. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.

ANEXO

Verbo Perder					
Gerúndio: perdendo					
Particípio passado: perdido					
INDICATIVO					
Presente		Pretérito perfeito		Pretérito imperfeito	
eu	perco	eu	perdi	eu	perdia
tu	perdes	tu	perdeste	tu	perdias
ele/ela	perde	ele/ela	perdeu	ele/ela	perdia
nós	perdemos	nós	perdemos	nós	perdíamos
vós	perdeis	vós	perdestes	vós	perdieis
eles/elas	perdem	eles/elas	perderam	eles/elas	perdiam
Pret. mais-que-perfeito		Futuro			
		Futuro do presente		Futuro do pretérito	
eu	perdera	eu	perderei	eu	perderia
tu	perderas	tu	perderás	tu	perderias
ele/ela	perdera	ele/ela	perderá	ele/ela	perderia
nós	perderíamos	nós	perderemos	nós	perderíamos
vós	perderíeis	vós	perderéis	vós	perderíeis
eles/elas	perderiam	eles/elas	perderão	eles/elas	perderiam
SUBJUNTIVO					
Presente		Pretérito imperfeito		Futuro	
que eu	perca	se eu	perdesse	quando eu	perder
que tu	percas	se tu	perdesse	quando tu	perderes
que ele/ela	perca	se ele/ela	perdesse	quando ele/ela	perder
que nós	percamos	se nós	perdessemos	quando nós	perdermos
que vós	percais	se vós	perdesseis	quando vós	perderdes
que eles/elas	percam	se eles/elas	perdessem	quando eles/elas	perderem
IMPERATIVO		INFINITIVO			
afirmativo	negativo	PESSOAL		IMPESSOAL	
φ	φ	para perder eu		Perder	
perde tu	não percas tu	para perderes tu			
perca você	não perca você	para perder ele/ela			
percamos nós	não percamos nós	para perdermos nós			
perdei vós	não percais vós	para perderdes vós			
percam vocês	não percam vocês	para perderem eles/elas			